



Ideias Ambientais  
de Sílvia Chambel

Participe no artigo da semana!

Envie os seus textos para: [info@ideiasambientais.com.pt](mailto:info@ideiasambientais.com.pt)

## Sintra

*A emoção, a realidade e as formas da memória...*

Incontornáveis são as lendas que, *fiéis* testemunhas do tempo, contornadas de luz e de noite, foram surgindo sobre a serra de Sintra, invocando paisagens sombrias, druidas, princesas e cavaleiros, histórias de amores impossíveis e o esplendor da serra e das fragas.

Há quem diga que o seu nome deriva de *Cynthia*, deusa da Lua, venerada neste local pelos Celtas. Seja qual for a sua origem, Sintra é um dos recantos mais bonitos de Portugal, um lugar romântico, sempre misterioso.



Ainda hoje, após um sem número de incursões pela serra e talvez vinte e cinco anos passados desde a primeira aventura, é sempre envolto num renovado deslumbramento que a revejo. A Pena, a Peninha, os Capuchos e os infindáveis carreiros que se desdobram em múltiplas direcções por este maciço granítico, o "Monte da Lua", fazem com que a cada descoberta, a cada lugar revisitado, a luz e a sombra, que por aqui são inseparáveis, me revelem novas formas. *"E há dias"* - dizia o meu avô - *"que se passeiam por aí fadas... ali, junto à aquele rochedo, todas as noites chora uma fada..."* - dizia-me enquanto caminhávamos - *"talvez seja a moura Zaida que, qual fada em noites de luar, chora o seu nobre cavaleiro"*. - sorria... tocava-me com a bengala nas pernas e continuávamos caminho.

Contava-me, então, a lenda de Zaida: a moura que, em tempos de mouros e cristãos por estas terras de *Xentra*, se apaixonou por um cavaleiro feito prisioneiro. Chegado o dia da sua libertação, fizeram-se juras e promessas de amor eterno - Zaida ficou, deixando partir o seu amado. A tristeza em que o cavaleiro vivia era tal, que se viu obrigado a voltar a Sintra, para de novo se encontrarem. Ferido em batalha, quis o destino que Zaida, ao abrigá-lo numa gruta e procurando uma nascente para aí encher uma bilha de água, caísse por terra, também ela atingida por malogradas setas. Por fim, juntos e feridos, sangue com sangue, aí foram encontrados já sem vida...

*"É por isso que, nas noites de luar, uma senhora de branco, transportando uma bilha, aparece junto a esta cova e, depois de um longo carpir, desaparece noite dentro..."*



Na fotografia, apesar de imprescindível e, quase sempre, indissociável de uma *boa imagem*, a técnica nem sempre é o elemento mais importante. Por vezes, o nosso olhar é atraído pelas mais pequenas coisas, uma espécie de estímulo inconsciente: um traço de luz, uma pedra, uma cor que se destaca, ou seja, elementos em que à primeira vista ninguém "vê nada", e que nós, instintivamente, temos a fotografia feita na nossa frente: é a imagem do filme que vimos, do livro que lemos, da música que recordamos... enfim, tudo o que forma a nossa memória. Não é por isso de estranhar que o conceito de representação, associado à fotografia desde o seu aparecimento, tenha vindo a dar lugar ao da interpretação: "(...) a arte não se limita a ser um conjunto de objectos bonitos, constituindo antes uma das formas de que dispomos para articular a nossa vida interior. Damos continuamente uma resposta interior complexa ao mundo exterior, composta das mais variadas exigências, emoções, pensamentos, quer passageiros quer duradouros." (Compreender a Arte, Michael J. Parsons – Editorial Presença, 1992).

Penso que a emoção (lembrei-me, agora, de alguém que "vê" volúpia nas uvas... e as fotografa, com certeza, de uma forma muito diferente da minha...!) se pode tornar benéfica ao processo criativo em si. É verdade que, se a fotografia parte de elementos que já existem e, por isso mesmo e ao contrário da pintura, não podemos fotografar o que não existe, resta-nos a tarefa de os tornar únicos, diferentes. Escolher a luz, a procura da forma, do volume, da sombra ou do enquadramento são, todas elas, tarefas que farão nascer algo mais do que um simples registo de luz, traduzido na representação de algo. E, no executar dessas tarefas, as emoções, as memórias, o nosso produto enquanto pessoa, assumem um papel preponderante no resultado final. Não seria a primeira vez que dava por mim a compor uma imagem sem sequer "processar" como deve ser a informação - numa espécie de semi-consciência, *controlada* pela emoção... esperando que o resultado, a imagem - essa caixinha de surpresas - esteja à altura de tão, só por si, gratificante momento.

Estou seguro de que esta é uma opinião algo controversa a nível profissional, onde somos pagos para produzir, seja com um maior ou menor distanciamento, e onde, invariavelmente, o resultado final não é da nossa inteira responsabilidade. Em todo o caso, até no fotojornalismo, onde se pretende uma leitura isenta dos acontecimentos, o fotógrafo não deixa de ser *perseguido por imperativos de gosto e consciência*, (*On Photography*, Susan Sontag, 1977), que terão, seguramente, influência no resultado final: a nossa singular forma de ver.

Tudo isto se reflecte, mesmo para lá do simples "clique", do tal "momento decisivo". Afinal o que nos leva à escolha, em determinados casos - e é bom que se estabeleçam as devidas separações, consoante o destino final do trabalho - de determinado grau de papel, de uma máscara, de mais ou menos saturação, ou, no caso do sistema digital - e colocando,



Ideias Ambientais  
de Sílvia Chambel

Participe no artigo da semana!

Envie os seus textos para: [info@ideiasambientais.com.pt](mailto:info@ideiasambientais.com.pt)

obviamente, de parte as operações inerentes ao próprio processo - de um determinado ajuste em qualquer programa de edição? Não serão, por certo, só as razões técnicas ou a procura de uma representação fiel do que vimos! Não será tudo isto, este controlo do resultado, uma questão de interpretação da realidade, condicionada pelas nossas emoções... como em quase tudo na vida?



De finais da década de 70, o velho ampliador Leica era um campeão da produtividade naquele laboratório de fotografia aérea. Se o impressor não lhe desse descanso, mostrava-se fresco à passagem das mil fotografias diárias - 9x12cm, é certo, papel cortado à mão e o ferrugento marginador eternamente colado ao modesto formato. Recordo-me de escolher o grau do papel, não por um qualquer especial afecto ao tema (afinal eram levantamentos topográficos, aborrecidos, repetitivos), mas devido a algumas exposições erradas, ou ao tipo de película utilizada. Recordo-me, também, das máscaras: era absolutamente necessário ler notas manuscritas em papel branco, feitas no terreno e incluídas nas fotografias. As imagens ainda hoje estão presentes sem que haja algum motivo especial - a verdade é que até me cansava ver tantos marcos geodésicos e linhas férreas. Trabalho, só trabalho, desprovido de qualquer relação afectiva com as imagens, ou a sua temática e, ainda assim, lembro-me de lhes dosear a luz por zonas, lhes prolongar o tempo de revelação, ou interrompê-lo, por nenhuma razão técnica, mas porque, dessa forma, me pareciam melhores... ou, pelo menos, mais bonitas.

Poucas são as fotografias que traduzem a realidade tal qual a vemos - ou não fosse a fotografia um acto criativo – podendo, mesmo quando utilizadas como veículo de representação da realidade, tornar-se tão subjectivas. São disso exemplo particular algumas fotos realizadas pelo fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, ou pelo ícone americano Ansel Adams, onde, para além do acto fotográfico propriamente dito, a própria técnica de impressão reflecte muito das suas formas de verem, sentirem... ou serem... A propósito, fica uma frase de Ansel Adams, numa justificação técnica (!), ainda hoje tão controversa...: *"Dodging and burning are steps to take care of mistakes God made in establishing tonal relationships."*



Ideias Ambientais  
de Sílvia Chambel

Participe no artigo da semana!

Envie os seus textos para: [info@ideiasambientais.com.pt](mailto:info@ideiasambientais.com.pt)



Hoje, anos passados, quando caminho pelos estreitos carreiros da serra, fugas incertas até ao mar, recordo determinadas histórias, do meu avô, dos longos passeios a pé, e estou convencido de que as imagens que faço, ainda que de forma inconsciente, são algumas das memórias, das emoções que tenho guardadas.

É então por isso que, de vez em quando, podemos deixar as aberturas, as velocidades ou os cálculos da exposição um pouco em segundo plano... para, primeiro, olhar... e ver! O desfrutar da Natureza é o que vem em primeiro lugar. O observar, o sentir, o puro desfrute...depois, certamente com alguma sensação causada, fotografar – com os conhecimentos técnicos que possuímos - e, mesmo que a manhã nos ofereça uma só imagem, vem da sabedoria popular...: *vale mais que mil palavras.*

**Autor do artigo e Fotos:** Artur Oliveira (Terranatur)

**Data:** 29/01/2007

Semanalmente teremos novos artigos, cujos conteúdos, gráficos, imagens, referências, serão sempre da responsabilidade dos autores.

Você poderá participar enviando-nos ideias ou assuntos que gostaria de ver aqui.

**PRESERVAR E PROTEGER O AMBIENTE É UMA MISSÃO UNIVERSAL!**

<http://www.ideiasambientais.com.pt>